

## POR UMA ESCOLA À ALTURA DOS DESAFIOS ATUAIS

*Cristiano Amaral Garboggini di Giorgi<sup>1</sup>*

**RESUMO:** Este artigo resume as principais mudanças ocorridas no mundo no último quarto do século XX, procura elencar os novos desafios que se colocam à escola e esboça uma concepção de escola capaz de responder de maneira adequada a estes desafios.

**PALAVRAS-CHAVES:** Globalização; Reforma educacional; Construção da identidade.

**ABSTRACT:** This paper sums up the main changes that occurred in the world in the last quarter of the twentieth century, tries to outline the new challenges that the school faces nowadays and outlines a conception of school able to answer adequately to these challenges.

**KEY-WORDS:** Globalization; Educational reform; Identity construction

**E**STE artigo é baseado na minha tese de livre docência intitulada *Por uma escola da consciência universal*, que é uma tentativa de pensar caminhos para a escola frente às rápidas mudanças pelas quais o mundo tem passado.

Afirmar que este é um artigo sobre caminhos para a escola frente às transformações recentes da cena mundial (transformações econômicas, políticas, culturais e sociais) é quase dizer que é uma reflexão sobre “Deus e sua época”. Afinal, este não apenas é um tema extremamente geral, mas talvez o que está mais em evidência na

---

<sup>1</sup> Professor Livre-docente da Unesp, campus de Presidente Prudente.

área educacional não apenas na academia, mas também nas políticas educacionais, nos debates públicos, nos meios de comunicação.

Direi então que este artigo é produto da insatisfação que sinto com os rumos que este debate tem tomado, dividido entre uma perspectiva de reforma que está profundamente ligada à aceitação, como fato inevitável e natural, do mercado como o grande regulador das relações humanas e outra, oposta, que entende que se trata sobretudo de resistir a estas mudanças e acaba fechando os olhos à absoluta inadequação da escola atual às necessidades contemporâneas. Entendo que é necessária uma compreensão mais profunda destas necessidades para que possamos melhor situar o novo papel da escola na realidade contemporânea.

As idéias centrais deste artigo podem ser assim resumidas:

1. O mundo sofreu, no último quarto de século, mudanças gigantescas que implicam novos riscos e novas possibilidades. Da base técnica (que passa a ser baseada na informática) à geopolítica (que passa da lógica da guerra fria a uma outra, marcada pelo inédito poder dos Estados Unidos, como única superpotência, e pelos blocos regionais), passando pela subjetividade, as transformações são enormes.

2. Dentro desta nova realidade, que implica níveis inéditos de exclusão, a grande esperança se centra na idéia de radicalização da democracia, que se torna mais e mais possível tanto por fatores objetivos (fim da Guerra Fria, novas tecnologias que permitem consultas rápidas à população), quanto subjetivos (uma nova consciência que se centra na democratização dos espaços cotidianos).

3. Frente a este quadro, a escola se encontra em profunda crise, sendo chamada a desempenhar novos papéis, mas não conseguindo fazê-lo, o que gera toda espécie de patologias, das quais a crescente violência é apenas o sintoma mais evidente (há outros, como a indiferença e apatia dos educandos e dos educadores). O modelo de escola se revela absolutamente inadequado frente à nova realidade.

4. As propostas que internacionalmente têm surgido para dar conta deste estado de coisas têm, em geral, sido marcadas por um viés economicista que as afasta de qualquer possibilidade de responder satisfatoriamente à complexidade da tarefa. Também as propostas mais humanistas têm sido incapazes de repensar o modelo de escola, adequando-o às novas tarefas e ao novo ambiente social em que terá que atuar.

5. A participação da comunidade, que tem sido unanimemente apontada, tanto pelas propostas mais economicistas, quanto pelas mais humanistas, como ponto chave para um melhor funcionamento da escola, não tem se efetivado exatamente por que não cabe (ou cabe muito mal) no modelo de escola dominante. Assim como a participação da comunidade, cabem mal no modelo atual outras propostas como o professor reflexivo. Tudo isto aponta para a necessidade de uma profunda mudança no modelo de escola.

6. O modelo de escola que melhor responde ao desafio da nova situação, aproveitando positivamente as suas potencialidades, tem as seguintes características básicas:

- a) É produtora de conhecimento;
- b) Tem alto grau de autonomia;



- c) Assume funções educativas mais amplas, por si mesma ou através de forte ligação com outras agências de caráter educativo;
- d) Promove, como papel a ser gradativamente assumido nas políticas públicas e legitimado no imaginário social, a dinamização cultural, social e eventualmente até econômica de seu entorno;
- e) O processo de formação dos educandos é, crescentemente, determinado, tanto no plano coletivo como individual, por eles próprios, única perspectiva pedagógica coerente com a formação de sujeitos.

Neste artigo, será possível apenas justificar a necessidade de transformações profundas na concepção de escola para que esta possa dar conta dos novos e complexos desafios que a ela se colocam e apontar o sentido geral destas transformações.

Começo por apontar alguns aspectos centrais do processo de mudanças mundiais mencionado acima. Por terem influência mais direta sobre o processo educacional, focalizarei especialmente em mudanças dos âmbitos cultural e subjetivo.

O primeiro aspecto a ser ressaltado é a idéia de que *a identidade precisa ser construída*, dada a multiplicidade de mensagens com que somos (e os jovens especialmente são) bombardeados, em termos do que ser. A onipresente mensagem do sucesso e do dinheiro certamente não é resposta suficiente para as aspirações humanas e os diversos grupos identitários disputam corações e mentes. Neste bombardeio de informações e imagens da felicidade, hoje mais do que nunca antes, não se trata, para cada um de nós, de assumir papéis sociais pré-estabelecidos, adaptando-se a eles, mas de construir um. Tedesco (1999) aponta a existência de um "déficit de socialização" na sociedade atual (as instituições educativas estão perdendo capacidade de transmitir com eficácia valores e normas de coesão social), que só poderá ser superado por um processo ativo de construção, por cada ator social, de sua própria identidade. A existência de sistemas de sentido (culturas) é cada vez menos separável das inúmeras ações individuais que as questionam, remodelam-nas e desnaturalizam-nas e, desta maneira, as fazem evoluir. Ao contrário das situações tradicionais nas quais o indivíduo incorporava sistemas que existiam de forma independente, agora a pessoa incorpora fragmentos dispersos da realidade e é ela que deve construir o sistema.

Em oposição à situação vigente há apenas três décadas (lembremo-nos quanto o reprodutivismo falava de perto aos nossos problemas até a década de 70), hoje a multiplicidade de possibilidades frente à qual se coloca a dificuldade de cada um saber o que é e pretende ser, é um obstáculo muito maior à estruturação da personalidade do que uma pretensa pressão social esmagadora para cada um se enquadrar em determinado papel.

Um segundo ponto ligado a este está no fato de que presenciamos hoje mudanças profundas na subjetividade das pessoas, mudanças que ainda estamos procurando entender melhor. Uma menor (tendendo a zero) aceitação da autoridade natural dos mais velhos por parte dos adolescentes e jovens (e até das crianças) é uma das dimensões desta mudança (o que não quer dizer de forma alguma que os adolescentes e jovens não aceitem nenhuma forma de autoridade adulta, apenas que esta tem de se construir e de se legitimar constantemente no cotidiano). Outra é a maior inclinação

para (e capacidade de) construir e aceitar uma autoridade compartilhada, fraterna, por parte dos adolescentes e jovens.

Um terceiro ponto que fica claro é que acabou-se o tempo da ordem, começa o tempo da mudança, como categoria central da experiência pessoal e da organização social. Nada indica que estejamos simplesmente no meio de um furacão temporário, passado o qual voltaremos a ter estabilidade de situações sociais semelhante a que tivemos no período 45 — 75. Por paradoxal que possa parecer a frase, a mudança veio para ficar.

Um quarto ponto a realçar é a mudança do caráter do trabalho. Com a 3ª Revolução Industrial (a da informática), a possibilidade de estabilidade no emprego se tornou muito menor. Assim, o trabalhador deve ser cada vez mais capaz de se adaptar continuamente a novas condições de produção. Realce-se que os mecanismos de proteção social devem se deslocar, como, aliás, já defendem os partidos de esquerda de maior representatividade, dos trabalhadores para o conjunto dos cidadãos (através de mecanismos como renda mínima, bolsa escola, etc.).

Ainda dentro deste ponto, cabe notar que, cada vez mais, trabalha-se mais com gente e menos com coisas. Esta tendência não diz respeito apenas ao fato de que o setor terciário (de serviços) cresce e que os outros dois diminuem enquanto geradores de emprego, mas também à tendência de aumento do trabalho em equipe e do contato humano, de uma forma geral, nos três setores da economia. Certamente, se deve a isto o aumento da literatura sobre inteligência emocional e coisas do gênero. A capacidade para o bom contato humano tornou-se elemento central para o bom funcionamento do sistema produtivo.

Um quinto ponto é que os riscos, como ressalta, entre outros, Anthony Giddens (2000), se tornaram um elemento central da nova realidade. Saber lidar com eles, individual e coletivamente, desde o nível pessoal até o mundial, passando pelo comunitário, o municipal, o regional, o nacional e o supranacional (casos como o do Mercosul), é uma questão vital para o ser humano neste momento histórico.

Um sexto ponto é aquele realçado especialmente por Alain Touraine (1997): a emergência do *sujeito* como a única possibilidade de superação da radical dissociação entre a lógica da racionalidade instrumental e a da defesa identitária. O termo *sujeito*, assim como esse vocabulário específico — “dissociação entre racionalidade instrumental e defesa identitária” —, é típico de Alain Touraine, mas a problemática se encontra colocada sob outras formas em vários dos autores que estudam o processo de globalização. Parece claro que, frente aos riscos simultâneos do poder acachapante dos mercados e dos grupos intolerantes fechados em seus próprios valores, só o desenvolvimento da capacidade individual e coletiva (através essencialmente de movimentos sociais) de resistir à dominação, tanto dos mercados quanto dos grupos intolerantes e autoritários, de lutar pela liberdade como condição essencial da sua felicidade e de reconhecer os outros como sujeitos, pode assegurar a sobrevivência da democracia e nossa capacidade de viver juntos. Esta concepção ultrapassa a idéia clássica de cidadania. Não basta o bom cidadão cumpridor de seus deveres e consciente de seus direitos — é necessário o sujeito capaz de criar e recriar, constantemente, as condições para sua própria felicidade e dos demais (condições, bem entendido, pois felicidade não é algo que jamais alguém possa assegurar a si próprio, que dirá aos outros).



É preciso desenvolver a capacidade dos seres humanos de, individual e coletivamente, se libertarem, ao mesmo tempo, de comunidades sectárias e da lógica do mercado e organizarem sua experiência, hoje mais fragmentada do que nunca. Uma vez que as instituições perderam quase toda sua antiga capacidade de socialização, não se trata de pensar a formação do cidadão produzido pelas instituições, que subordinaria interesses e afetos privados aos interesses superiores da Sociedade, da Nação e da Razão, que coincidiriam em última análise (ainda que ele não o percebesse à primeira vista) com seus interesses mais profundos. Sabe-se que esta pretensa feliz coincidência não se sustenta de forma alguma. O sujeito tem uma história e uma memória, individual e coletiva, e é produto delas. É preciso combinar, de uma forma inédita a ser criada e recriada, afeto e razão.

O sétimo ponto a ser realçado é que todos os autores aqui discutidos, assim como a grande maioria dos que pensam o processo de globalização, assinalam a importância da radicalização da democracia como única forma de se contrapor aos enormes riscos presentes no processo de globalização. Essa radicalização da democracia abrange diversos aspectos: a aceitação plena da idéia de que o conflito social não é antagônico à democracia, mas constitutivo dela, e essencialmente criativo; a constituição — e efetivo uso — de mecanismos de democracia direta, tais como plebiscitos, referendos, iniciativa popular (cf. Benevides Soares, 1995); a efetivação de mecanismos democráticos para atuação nos mais diversos níveis — do local ao (espera-se, está ainda a ser construído) mundial; e, finalmente, a tendência a buscar também a democratização do cotidiano.

O oitavo ponto é a idéia, enfatizada, entre outros, por Paul Singer (1999), Ladislau Dowbor (1997), Milton Santos (2000), de que o fortalecimento da instância local é temática central deste momento histórico. Milton Santos (2000, p. 144) escreve:

Vemos produzir-se, na base da sociedade, um pragmatismo mesclado com a emoção, a partir dos lugares e das pessoas juntos. (...) Nisso, o papel de lugar é determinante. Ele não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido; isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo; a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro. A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo.

Paul Singer e Ladislau Dowbor, economistas, realçam a importância da organização local para o próprio desenvolvimento econômico. Enfim, parece claro que a organização local atinge importância inédita, em todos os aspectos, em tempos de globalização.

O nono ponto é que a base técnica da globalização (a informática, que permite que os processos de produção e informação se dêem on-line) abre condições para uma utilização diferente, para “uma outra globalização”.

Jamais houve na história sistemas tão propícios a facilitar a vida e a proporcionar a felicidade dos homens. A materialidade que o mundo da globalização está recriando permite um uso radicalmente diferente daquele que era da base material da industrialização e do imperialismo.

A técnica das máquinas exigia investimentos maciços, seguindo-se a massividade e a concentração dos capitais e do próprio sistema técnico. Daí a inflexibilidade física e moral das operações, levando a um uso limitado, direcionado, da inteligência e da criatividade. Já o computador, símbolo das técnicas da informação,

reclama capitais fixos relativamente pequenos, enquanto seu uso é mais exigente de inteligência. O investimento necessário pode ser fragmentado e torna-se possível sua adaptação aos mais diversos meios. Pode-se até falar da emergência de um artesanato de novo tipo, servido por velozes instrumentos de produção e de distribuição.

Dir-se-á, então, que o computador reduz — tendencialmente — o efeito da pretensa lei segundo a qual a inovação técnica conduz paralelamente a uma concentração econômica. Os novos instrumentos, pela sua própria natureza, abrem possibilidades para sua disseminação no corpo social, superando as clivagens socioeconômicas preexistentes.

Sob condições políticas favoráveis, a materialidade simbolizada pelo computador é capaz não só de assegurar a liberação da inventividade como torná-la efetiva (Santos, 2000, p. 164).

Ou seja, estamos diante de um patamar técnico que abre novas e enormes possibilidades para o desenvolvimento das potencialidades humanas. Leiamos ainda Milton Santos (2000, p. 166), num texto que interliga os oitavo e novo e pontos acima mencionados e faz um gancho para o décimo ponto, a seguir:

Frente a essa nova realidade, as aglomerações populacionais serão valorizadas como o lugar da densidade humana e, por isso, o lugar de uma coabitação dinâmica. Será também aí, visto pela mesma ótica, que se observarão a renascenças e o peso da cultura popular. Por outro lado, a precariedade e a pobreza, isto é, a impossibilidade, pela carência de recursos, de participar plenamente das ofertas materiais da modernidade, poderão, igualmente, inspirar soluções que conduzam ao desejado e hoje possível renascimento da técnica, isto é, o uso consciente e imaginativo, em cada lugar, de todo tipo de oferta tecnológica e de toda modalidade de trabalho. Para isso contribuirá o fato histórico concreto que é, ao contrário do período histórico anterior, o grau de 'docilidade' das técnicas contemporâneas, que se apresentam mais propícias à liberação do esforço, ao exercício da inventividade e à floração e multiplicação das demandas sociais e individuais.

O décimo ponto é exatamente "este peso e esta renascença da cultura popular". É uma cultura popular de novo tipo, exemplificada, entre outras manifestações, pelos grupos de rap da periferia. É uma cultura popular extremamente dinâmica que se constrói a partir do cotidiano popular, mas que se mostra extremamente atenta a tudo o que acontece no mundo. É a cultura popular dos tempos da globalização.

Por fim, o décimo primeiro ponto é exatamente o fato de que o mundo (e não mais a nação) passa a ser a referência central de cidadania. Ressalte-se que a nação continua a ter grande importância. Porém, cada vez mais, o sentido de cada espaço e de cada coisa, em geral, se define primordialmente pela sua relação com o todo. Assim, tanto a compreensão dos fenômenos como a ação sobre eles (portanto, a cidadania) dependem intrinsecamente de se determinar a sua relação com a realidade global. "Funda-se, de fato, um novo mundo. Para sermos ainda mais precisos, o que afinal se cria é o mundo como realidade histórica unitária, ainda que ele seja extremamente diversificado" (Santos, 2000, p. 173).

Neste novo mundo, de novos riscos e de novas potencialidades, a escola precisa assumir papel radicalmente diferente para ser significativa e estar à altura do enfrentamento dos novos riscos e do aproveitamento das novas possibilidades. Acredito ser



possível afirmar que a crise atual da escola só pode ser superada pela assunção deste novo papel.

Porém, antes de esboçarmos as linhas mestras deste novo papel, cabe apresentar alguns elementos da atual crise da escola.

O primeiro ponto é que a escola atual está baseada num modelo no qual se postula o valor universal da Cultura e da Razão. Esta concepção tem sido um enorme obstáculo ao multiculturalismo, à comunicação intercultural, ao reconhecimento do outro.

O segundo ponto a ser realçado é que a função central da escola sempre foi pensada em termos de socialização — interiorização de papéis sociais —, para a qual era necessário que o aluno (especialmente o aluno pobre) saísse do seu universo privado, para ser elevado ao universalidade da Razão, que coincidia com os papéis sociais a serem incorporados, na medida em que se supunha que ou a sociedade existente, no caso dos defensores do *status quo*, ou a sociedade a construir, no caso da maioria dos que pensam a educação como transformação social, seria uma sociedade baseada nos princípios da Razão.

Ora, trata-se de dar condições para a liberdade do sujeito, para a construção de experiências. Isto é conseqüência direta da idéia, vista acima, de que, hoje, de forma diferente de qualquer outra situação histórica anterior, “a identidade precisa ser construída”.

O terceiro ponto a ser destacado é o que diz respeito a uma dimensão fundamental da necessidade de mudança radical da escola: é o fato de que ela, hoje, está aberta a todos e deve oferecer condições de sucesso a todos. Embora isto não pareça novo, é uma mudança radical para a escola, uma vez que, como adverte Singer, cabe realçar neste momento:

o ensino escolar tem por finalidade básica, (embora não admitida) proporcionar aos filhos de pais educados a oportunidade de sucedê-los em posições econômicas e sociais que têm determinados níveis de escolaridade como pressuposto (...) o espírito do ensino jamais foi adaptado à sua universalização (...) a escola pública — e falo só dela porque é a única acessível ao pobre — não se adaptou nem pretende se adaptar à nova realidade de que ela agora está oferecendo um serviço universal, ou seja, para todos (Singer, 1996, p. 13).

Para Singer, esta mudança, que passa a ser exigida pela sociedade, de que a escola se adapte ao espírito de sua universalização, representa uma verdadeira revolução, já que exige dos professores, que sempre se enxergaram como diferenciadores, a conquista de uma nova identidade.

Ainda dentro deste ponto, estudos recentes (Madeira, 1997) mostram que o aumento do nível de escolaridade não significa melhores condições de absorção pelo mercado de trabalho, que simplesmente prolonga suas exigências, ou seja, a escolarização frente ao mercado de trabalho representa cada vez menos passos para frente e cada vez mais passos frenéticos na tentativa de ao menos ficar no mesmo lugar num chão que se move para trás. Esse esgotamento do modelo de escolaridade voltado para a mobilidade social contribui significativamente para o enfraquecimento da capacidade socializadora da escola.

O quarto ponto a ressaltar é que a escola atual, conteudista, com uma ou outra nuance, acaba se focando essencialmente no papel de transmitir informações. Ora, torna-se cada vez mais claro que a questão é saber acessar informação, selecionar a informação relevante em meio ao excesso de informação existente, e processar esta informação. Isto exige mudanças radicais na organização da escola.

O quinto ponto é o fato de que a escola sempre esteve ligada à idéia de consolidação dos Estados Nacionais, de formar o cidadão daquele país, dentro da cultura nacional, com seu conhecimento da História do país, dos símbolos da pátria, etc. Hoje, embora os Estados nacionais mantenham importância altamente significativa — insisto neste ponto —, existem outras instâncias de cidadania também muito significativas, da local à mundial, que a Escola não sabe como contemplar.

O sexto ponto a ser enfatizado é que a escola sempre teve a função, às vezes admitida explicitamente, às vezes não, de disciplinar para o trabalho. Sabe-se que o caráter do trabalho mudou muito significativamente nos últimos 30 anos. O taylorismo-fordismo já não representa de forma nenhuma o padrão principal de organização do trabalho. Exige-se hoje, mais que disciplina para o trabalho, flexibilidade, capacidade de aprender, capacidade de comunicar-se, de trabalhar em equipe, inteligência emocional. Isto é consequência direta do fato de que se trabalha mais com gente do que com coisas.

O sétimo ponto a ser lembrado é que o conhecimento escolar, de forma geral, está muito ligado à idéia de seqüência (lembremo-nos dos manuais de didática, “do simples ao complexo”, “do próximo ao distante”, etc.). Esta idéia não se sustenta quando ocorre o bombardeamento de informações complexas que as crianças querem decodificar e o acesso das crianças ao mundo dos adultos — o “desaparecimento da infância” de que fala Postman (1982).

Pode-se ainda mencionar um oitavo ponto. A escola, e, de forma mais geral, todo o processo educacional, tem se voltado para a preparação para o bom exercício dos papéis sociais. Estes papéis sociais são cada vez menos claros e é necessário que cada indivíduo seja capaz de não apenas desempenhá-los adequadamente, mas de criar o seu próprio lugar no mundo e ser sujeito, de forma muito mais radical do que no passado, de sua própria vida.

Em suma, exige-se da escola, mais do que nunca, uma formação humana integral sintonizada com os novos tempos que ela nem de longe é capaz de prover.

Mas, se as necessidades educativas são tão maiores, qual o caminho para satisfazê-las? Certamente, explorando as potencialidades deste mesmo processo de globalização que ampliou de forma dramática as necessidades educativas.

É central mencionar que há indícios bastante significativos de que as instituições educativas podem ser muito melhores do que são atualmente. O Clube de Roma, entidade formada por intelectuais e cientistas do mundo inteiro, já em 1979, afirmava que nitidamente as escolas atuam bem abaixo da potencialidade dos alunos, devido à sua forma arcaica de organização. Isto bem antes da disseminação das tecnologias da informação.

Outro indício significativo é aquilo que já conhecemos há longo tempo de nossa experiência como alunos e como professores: quando há motivação, aprendemos num ritmo extraordinariamente mais rápido do que aquele que é usual na escola.



Um terceiro indício pode ser obtido do fato de que a extraordinária massa de pesquisa em torno do tema de *School Effectiveness* (cerca de 83.000 títulos só em inglês no [www.askeric.org](http://www.askeric.org), por exemplo), padece de uma espantosa ausência de conclusões minimamente sólidas. O que há de conclusões aponta no sentido de que as escolas conseguem muito pouco mudar aquilo que é determinado pelo meio social e cultural da criança; e que, eventualmente, são alguns professores, mais do que a escola, que fazem a diferença.

Um quarto indício é que experiências artesanais de educação, realizadas fora do sistema formal de ensino, obtêm freqüentemente resultados surpreendentes, não apenas no campo do conhecimento, mas da formação humana como um todo (que, como já ficou claro, mais do que nunca tem que ser o objetivo da escola). O Axé, na Bahia, ou o *Projeto Quixote*, em São Paulo mostram resultados tão significativos com os grupos mais difíceis de educar que é impossível deixar de pensar que seria possível que o sistema educacional como um todo poderia obter resultados muito melhores, tanto no âmbito cognitivo quanto dos outros aspectos da formação humana.

Vale a pena citar um texto de Marcelo Coelho, sobre o livro de Esmeralda Ortiz (2000), que relata o seu trajeto de vida:

Percebe-se, pelo livro, a falência de duas instituições — a da família, pelo menos no universo de indigência em que os personagens transitam, e também as instituições de tipo “fabril”, como as escolas, orfanatos, presídios, manicômios e reformatórios. Uso o termo “fabril” no sentido de que são galpões, juntando muito gente, que caberia “transformar” por meio de uma espécie de processo padronizado, de massa, impessoal.

Obviamente, instituições desse gênero só produzem mais delinqüentes, mais loucos, mais fugitivos. As ONGs em que Esmeralda se apoiou, ao contrário, parecem abandonar o modelo “fabril” por um modelo individualizado, “artesanal”. Aliás, uma autêntica educação pertence, essencialmente, à ordem do artesanato. O que acaba tornando bastante amarga a leitura desse livro. Um percurso individual tão extraordinário quanto o de Esmeralda termina se chocando com uma realidade coletiva de proporções gigantescas, a que dificilmente se consegue dar respostas de equivalente dimensão. (Folha de S. Paulo, 3 jan. 2001).

Eis uma idéia me parece altamente pertinente, a de que o modelo individualizado, artesanal, é que efetivamente funciona, e acredito que se aplica também à escola. Há certamente pontos negativos do processo de globalização, que tornam mais difícil e mais desafiador do que nunca o processo educacional. Estes pontos negativos podem ser resumidos em dois grandes tópicos: a globalização perversa, de que fala Milton Santos (com o seu processo de concentração de renda e suas conseqüências), e o “déficit de socialização”, de que fala Tedesco.

Mas lembremo-nos essencialmente dos pontos positivos. Em primeiro lugar, uma nova subjetividade, que, se não aceita a autoridade tradicional, é muito mais aberta a projetos dialógicos, uma vez que eles se instalem.

Em segundo lugar, as tecnologias doces, de que fala Milton Santos, que têm, entre outras vantagens, potencial de produção local de produtos culturais, abrindo espaço para a nova cultura popular.

Em terceiro lugar, a enorme massa de informação disponível, que possibilita que a escola se concentre muito mais na tarefa de construir as habilidades ligadas à capacidade de acessar e processar informação que na transmissão de informação.

Outro fator positivo é que, cada vez mais, diversas atividades sociais (especialmente as econômicas produtivas, mas certamente não apenas elas) dependem essencialmente da aplicação de conhecimento. Ou seja, há cada vez mais conhecimento circulando socialmente. Não notamos tão facilmente este processo, mas ele é verdadeiro, no mínimo enquanto potencialidade. Em grande parte, ele se dá pelo aumento de riscos — como, por exemplo, de contrair AIDS. O fato de as pessoas terem de se informar, conversar sobre isto, obriga-as a procurar raciocinar em termos científicos. Outros riscos, como os ecológicos, atuam em sentido semelhante.

Os dois fatores mais positivos são ainda mais promessas que realidades, mas são inegavelmente fortes tendências. São eles: a radicalização de democracia; e o aumento da organização local. Pois bem, todos estes fatores nos fornecem elementos para redefinir a escola, mas particularmente estes últimos dois fatores são cruciais.

Passo a apresentar, de forma extremamente abreviada, aquela que considero a proposta mais promissora de redefinição da escola, em função de tudo o que foi apresentado até aqui.

A idéia central é a seguinte: A escola deve avançar no sentido de ser legitimamente, institucionalmente e no imaginário social, uma entidade que cumpra socialmente uma função de dinamizadora cultural e social do seu entorno e é a partir do cumprimento desta função mais ampla que poderá efetivamente atuar eficazmente no sentido de não apenas instruir, mas educar crianças, jovens, adolescentes e também adultos.

Em outras palavras, as escolas, assim como os sistemas de ensino, que foram uma construção histórica de determinado momento de ascensão da burguesia, precisam ser radicalmente revistas em sua concepção para satisfazer as necessidades educacionais atuais. É essa revisão (possível, viável, e, creio eu, necessária) caminha no sentido de formação de entidades educacionais com papéis muito mais amplos que os atuais e que, ao atuar de forma mais ampla, podem cumprir de forma muito mais satisfatória inclusive os (fundamentais) papéis atuais. Ou seja, ao perder sua tão propalada especificidade de difundir o saber historicamente acumulado, é que a escola poderá cumpri-la melhor. Deixo ao leitor a tarefa de verificar como esta proposta responde aos onze pontos acima levantados da nova situação mundial.

O aspecto mais importante desta proposta, do ponto de vista pedagógico, é que ela cria condições para algo que os cinco autores referidos consideram fundamental: que o processo educativo tenha seu rumo determinado, cada vez mais, pelos próprios educandos, individual e coletivamente; que cada um seja levado a assumir sua própria formação como tarefa sua e também levado a pensar a formação do grupo. Isto é essencial na perspectiva de formação de sujeitos. Como ressalta Dowbor (1997), “modifica-se profundamente a função do educando, (...) que deve se tornar sujeito da própria formação, frente à diferenciação e riqueza dos espaços de conhecimento nos quais deverá participar”. Isto tudo remete a uma escola concebida de acordo com os tópicos citados nos itens a) a e) da sexta idéia apresentada no início deste artigo.



A proposta aqui apresentada não pretende ser nenhuma panacéia. Também entendo que é o teste da prática que determinará em que medida é viável. Já existem trabalhos sendo realizados que dão algum suporte prático ao que está sendo aqui defendido. Cito um, que se propõe a construir “práticas que articulam esforços educacionais de diversos agentes na identificação e satisfação das necessidades básicas das respectivas populações” (Ação Educativa, 2000), o que caminha na direção geral da proposta apresentada nesta tese: é o *Projeto Integrar pela Educação*, conduzido pela organização não-governamental *Ação Educativa*, que procura gerar novos sentidos para a educação escolar.

As reflexões apresentadas neste artigo procuram suscitar um debate nos meios educacionais e, na medida do possível, em outros setores interessados, sobre esta questão crucial, e ajudar a abrir espaço para a radicalização qualitativa e ampliação quantitativa de experiências inovadoras.

### REFERÊNCIAS

- AÇÃO EDUCATIVA. **Plano Trienal Ação Educativa: 2001/2003**. São Paulo: Ação Educativa, 2000.
- COELHO, M. Tentativa de esperança no novo milênio. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 03 jan. 2000. Ilustrada.
- DOWBOR, L. A. **Reprodução social**. (Apostila de curso ministrado na PUC-SP, 1997).
- GIDDENS, A. **O mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós**. São Paulo: Record, 2000.
- MADEIRA, F. et al. **Mapeando a situação do adolescente no Brasil**. São Paulo, 1997. (Mimeo)
- POSTMAN, N. **The disappearance of the childhood**. New York: Vintage Books, 1982.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização**. São Paulo: Record, 2000.
- SINGER, P. **Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 1999.
- \_\_\_\_\_. Poder política e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jan/abr. 1996.
- TEDESCO, J. C. O. **Novo pacto educativo: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna**. São Paulo: Ática, 1998.
- TOURAINÉ, A. **Podremos vivir juntos? La discusión pendiente: el destino del hombre en la aldea global**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 1997.